



## **Criação e Missão Uma resenha de duas obras<sup>1</sup>**

*O mundo perdido de Adão e Eva, por John H. Walton  
Templo e a Missão da Igreja, por G. K. Beale*

*por Tim Carriker*

Uma leitura do livro, *Missão primordial*, de Chun Kwang Chung, provocou o interesse em um estudo mais aprofundado de duas das suas fontes notórias, aquelas mencionadas no título acima de John Walton e Gregory Beale. Os motivos são primeiro, a importância destes dois livros tanto para a teologia bíblica em geral quanto para a teologia bíblica de missão mais especificamente e segundo, e a disponibilidade destas obras em português. Os dois livros trazem um esclarecimento e enriquecimento do conceito da missão da igreja. E se quisermos fundamentar nosso conceito e nossa prática de missão nas Escrituras, é absolutamente essencial reconhecer elas tanto começam (Gn 1—2) quanto terminam (Ap 21—22) com o mesmo enredo, a criação, um tema fundamental para entender o significado e a significância de dois outros enredos centrais, a redenção e a missão. Por isso mesmo, por nos desafiar a fazer isso, estes livros prestam um serviço inestimável para a fundamentação bíblica da prática missionária da igreja.

Começamos a avaliação com o livro de John Walton por eu julgar como fundante para os outros dois. Depois procede-se para o livro de Gregory Beale também pela sua alta relevância.

1

**Walton, John H.<sup>2</sup> *O mundo perdido de Adão e Eva: O debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis*.** É muito fácil resumir o livro de Walton pois cada capítulo constitui uma proposição que ele então procura provar colocando o texto, principalmente Gênesis 1—3, dentro do seu contexto cultural. O contexto é estabelecido pela comparação de outros textos do Oriente Médio Antigo da época da composição de Gênesis, isto é, a época da vida de Moisés e seus redatores. Assim, Walton procura elaborar como os judeus da época de Moisés teriam entendido os relatos da criação e somente depois disto partir para uma interpretação cristã que, por sua vez, passa pelo crivo da interpretação de autores do Novo Testamento. Assim, Walton segue uma metodologia hermenêutica autenticamente cristã por meio das seguintes perguntas nesta ordem:

---

<sup>1</sup> Chung, Chun K. *Missão primordial: Os fundamentos da missão em Gênesis 1-11*. São Paulo: Missiológica, 2019; Walton, John H. *O mundo perdido de Adão e Eva: O debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis*. Viçosa: Ultimato, 2021; Beale, G. K. *Templo e a Missão da Igreja: Uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2021. Além destes três livros, mencionamos também: Mackey, Damien F. “Toledôt of Genesis. Part One (a): Colophon Key to the Structure of Genesis” *Australian Marian Academy of the Immaculate Conception* em [https://www.academia.edu/28732081/Toled%C3%B4t\\_of\\_Genesis\\_Part\\_One\\_a\\_Colophon\\_Key\\_to\\_the\\_Structure\\_of\\_Genesis](https://www.academia.edu/28732081/Toled%C3%B4t_of_Genesis_Part_One_a_Colophon_Key_to_the_Structure_of_Genesis)

<sup>2</sup> PhD, Hebrew Union College, Walton é professor de Antigo Testamento na Wheaton College

1. O que dizem os textos? (uma análise semântica e gramatical)
2. O que estes textos teriam significado para o autor e seus leitores originais? (uma análise sociocultural). “O texto não pode significar o que ele nunca significou.” (p.17)<sup>3</sup>
3. O que estes textos significavam para os autores do Novo Testamento e como eles entenderam o seu cumprimento?
4. Como nós podemos entender e obedecer a estes textos hoje?

Não só estas perguntas em si são importantes, mas a sua sequência é necessária para compreender uma boa interpretação *cristã* hoje. Nem sempre os expositores bíblicos e/ou missiológicos seguem a rigor, para o seu detrimento, esta sequência. E por incrível que pareça, o passo mais negligenciado é o terceiro. Para ser mais claro, como se pode interpretar os relatos da criação e a sua relevância para a missão da igreja sem uma acurada análise do uso e da compreensão destes relatos e das suas personagens por autores do Novo Testamento que afirmamos serem inspirados de modo definitivo pelo Espírito Santo.

Então, quais as proposições de Walton? São estas:

1. Gênesis é um documento antigo
2. No mundo antigo e no Antigo Testamento, o foco do “criar” é estabelecer a ordem pela atribuição de papéis e funções
3. Gênesis 1 é um relato de origem funcional, não material
4. Em Gênesis 1, Deus ordena o cosmos como um espaço sagrado
5. Quando Deus estabelece a ordem funcional, ela é “boa”
6. 'ādām é utilizado em Gênesis 1–5 de formas variadas
7. O segundo relato da criação (Gn 2.4-24) pode ser continuação, não recapitulação, do sexto dia do relato anterior (Gn 1.1–2.3)
8. “Formado do pó” e “feita da costela” são afirmações arquetípicas, não enunciados sobre origem material
9. A ideia da criação da humanidade no Antigo Oriente Próximo é arquetípica, não sendo, portanto, incomum para os israelitas pensarem nestes termos
10. O Novo Testamento está mais interessado em Adão e Eva como arquétipos do que como progenitores biológicos
11. Embora alguns dos interesses bíblicos em Adão e Eva sejam arquetípicos, eles são pessoas verdadeiras que existiram em um passado real
12. Adão é designado como sacerdote no espaço sagrado, com Eva para auxílio
13. O Antigo Oriente Próximo relaciona o jardim a espaço sagrado e as árvores, a Deus como fonte de vida e sabedoria

---

<sup>3</sup> “... desde o início dos feitos arqueológicos massivos no Iraque em meados do século 19, mais de um milhão de textos cuneiformes foram escavados, expondo a literatura antiga por meio da qual podemos adquirir novos insights importantes sobre o mundo e a época em que foi produzida. Isso é o que oferece a base para nossa interpretação dos primeiros capítulos de Gênesis como um documento antigo.” Walton, pp. 22-23.

14. A serpente teria sido vista como uma criatura do caos do reino não ordenado, promovendo desordem
15. Adão e Eva escolheram fazer de si mesmos o centro da ordem e a fonte de sabedoria, acolhendo a desordem no cosmos
16. Nós vivemos atualmente em um mundo com não ordem, ordem e desordem
17. Todas as pessoas são sujeitas ao pecado e à morte por causa da desordem no mundo, não por causa da genética
18. Jesus é a pedra angular do plano de Deus para resolver a desordem e aperfeiçoar a ordem
19. O emprego de “Adão” em Paulo diz respeito ao efeito do pecado mais no cosmos do que na humanidade, nada dizendo sobre as origens humanas
20. Não é essencial que todas as pessoas tenham descendido de Adão e Eva
21. Os seres humanos podem ser vistos como criaturas distintas e uma criação especial de Deus, mesmo que tenha havido uma continuidade material

Percebe-se, pelas próprias proposições, que o interesse do Walton está na contribuição dos relatos da criação para um diálogo entre a ciência e a fé hoje. Seu interesse é mais apologético que missiológico no sentido de uma teologia bíblica da missão da igreja. Beale procura avançar em direção a este último interesse que não se destaca no livro de Walton.

Entretanto, algumas conclusões do Walton são pertinentes para as teses subsequentes de Beale. Por exemplo,

... em termos bíblicos, a ordem é relacionada ao espaço sagrado. O espaço sagrado é o centro da ordem, na medida em que Deus é a fonte da ordem. Portanto, quando falamos sobre o estabelecimento da ordem, estamos, de fato, falando sobre o estabelecimento de um espaço sagrado. (p. 37)

Em relação ao relato da criação em Gênesis 1:

Todas as funções e funcionários são discutidos à luz do propósito planejado – servir aos seres humanos. Deus está colocando o cosmos em ordem *não para servir a si mesmo, mas para servir aos humanos*. (ênfase acrescentada, p. 46)

Sobre o sexto dia da criação:

Como sabemos, esse dia não termina com animais, e a ordem funcional do sexto dia não poderia emergir em Gênesis 1.24-25. Eu sugiro que as funções dos animais e seu papel no sistema ordenado são abordados ao fim de Gênesis 1.26. *Quando os humanos dominam e governam, eles estão identificando funções para os animais e determinando quais papéis eles exercerão. Isso faz parte do papel humano – servir como vice-regente de Deus no processo contínuo de trazer ordem*. (ênfase acrescentada, p. 48).

E mais...

... a imagem de Deus é um dom de Deus, não definida material ou neurologicamente. Podemos compreender a imagem divina, enquanto conceito pertencente ao Antigo Testamento, em quatro categorias. Ela corresponde ao *papel e função* que Deus deu à humanidade (encontrado, por exemplo, no “dominar” e “governar”, Gn 1.28), à *identidade* que ele nos concedeu (isto é, quem, por definição, nós somos enquanto seres humanos), à forma que servimos como seus *substitutos*, simbolizando sua presença no mundo (as imagens que reis assírios faziam de si mesmos para colocar nas cidades conquistadas ou em fronteiras importantes comunicavam que eles estavam, de fato, continuamente presentes naquele lugar), e, finalmente, é um indicativo do *relacionamento* que Deus pretende ter conosco... (ênfase no original, pp. 48-49).

Como mordomos divinos, somos incumbidos a trabalhar no mundo; devemos ser seus assistentes no processo de trazer a ordem que ele começou. Como mordomos divinos, somos incumbidos a trabalhar no mundo; *devemos ser seus assistentes no processo de trazer a ordem que ele começou*. (ênfase acrescentada, p. 49).

O cosmos foi preparado *para nós* com um propósito bem específico: que nós estivéssemos onde Deus está. Esse sempre foi o plano divino. (ênfase acrescentada, pp. 52-53).

Não seria difícil para qualquer leitor do Antigo Oriente Próximo olhar brevemente para o relato do dia sete e concluir ser uma história sobre um templo .... Como observamos no Salmo 132, o templo era o centro do governo divino. No mundo antigo, ele era a base de comando do cosmos – a sala de controle a partir da qual o deus mantinha a ordem, estabelecia decretos e exercia soberania. (p. 60)

O cosmos não é nosso para fazer dele o que quisermos; é o lugar de Deus no qual o servimos como seus corregentes. Nosso domínio e governo são efetivados no pleno reconhecimento de que somos apenas cuidadores. O que quer que a humanidade faça deveria conduzir à introdução de ordem a partir da não ordem. *Nosso uso do meio ambiente não deveria gerar desordem. Essa não é apenas uma casa que habitamos; é nosso lar divinamente doado, e somos responsáveis por nosso uso e trabalho nele*. (ênfase acrescentada, p. 64).

Gênesis 2 explica como os humanos funcionam no espaço sagrado e em favor dele (em contraste a Gênesis 1, que aborda como o espaço sagrado funcionou para a humanidade). Gênesis 2 localiza o centro do espaço sagrado (o jardim) em contraste a Gênesis 1, que indica apenas que o cosmos foi estabelecido para ser um espaço sagrado. (p. 86).

Podemos, portanto, concluir que no ambiente cognitivo geral do Antigo Oriente Próximo, o interesse de todos os relatos atualmente disponíveis a nós é o de elucidar o papel da humanidade por meio de descrições arquetípicas que caem em poucas categorias paradigmáticas que listamos acima.... *o interesse mais comum na raça humana diz respeito a seu papel e função no cosmos* (animado ou inanimado), e não à simples existência biológica.... *Pessoas e deuses trabalham conjuntamente para assegurar a preservação da ordem no cosmos e sua boa operação* (Grande Simbiose). (ênfase acrescentada, pp. 116-117)

Eu proponho que os termos “servir” e “cuidar” transmitem tarefas sacerdotais ao invés de responsabilidades agrárias e de jardinagem.<sup>2</sup> Em Gênesis 2.15, Deus coloca Adão no jardim e o comissiona a “cuidar dele e cultivá-lo”. (p. 139).

... é provável que as tarefas dadas a Adão sejam de natureza sacerdotal: cuidar do espaço sagrado. No pensamento antigo, cuidar do espaço sagrado era uma forma de sustentar a criação. Ao preservar a ordem, a não ordem era mantida distante. (pp. 140-141).

Se o vocabulário sacerdotal em Gênesis 2.15 indica o mesmo tipo de pensamento, o ponto relacionado a cuidar do espaço sagrado deveria ser visto como *muito mais do que jardinagem ou deveres sacerdotais*. Manter a ordem fazia de alguém um *coparticipante de Deus na tarefa contínua de sustentar o equilíbrio* divinamente estabelecido para o cosmos.... Quando os sacerdotes cuidam dos jardins, dos parques e dos animais que vivem ali, eles se envolvem na organização do espaço sagrado e na tarefa de submissão e domínio. (ênfase acrescentada, p. 141-42).

A ideia de que as pessoas iriam “subjuagar” e “dominar” baseia-se na noção de que eles teriam *um papel contínuo como vice-regentes de Deus* (em sua imagem), para preservar a ordem e colocá-la sob Deus. (ênfase acrescentada, p. 143).

... o papel de Adão e Eva no jardim tem menos a ver com os hábitos dos sacerdotes dentro de Israel do que com o papel de Israel (e, mais tarde, dos cristãos, 1Pe 2.9) como sacerdotes ao mundo. (p. 149).

O Antigo Testamento nunca se refere ao evento de Gênesis 3 como “a queda”, nem se refere às pessoas ou ao mundo como “caídos”. (p. 197).

A queda foi a decisão de ser como Deus, transmitido pelas palavras da serpente (Gn 3.5), a resposta da mulher (Gn 3.6), a avaliação e Deus (Gn 3.22) e a razão para o banimento (Gn 3.23). (pp. 197-198).

Gênesis 3 fala mais sobre a invasão da desordem (trazida pelo pecado) em um mundo que está sendo ordenado, do que sobre o primeiro pecado. (p. 203).

... nós também vivemos em um mundo caracterizado pela desordem. Essa desordem é encontrada nas formas com que nós prejudicamos nosso ambiente, prejudicamos uns aos outros e prejudicamos a nós mesmos. A desordem é o resultado do pecado e continua a refletir nossa inabilidade para sermos tão bons quanto fomos designados a ser. (p. 211).

Jesus tem um papel muito significativo no processo contínuo de Deus trazer ordem ao cosmos. Isso é proeminente na cristologia de Colossenses 1.15-23. (p. 225).

O estágio final do plano de Deus é revelado em Apocalipse 21, na apresentação da nova criação. Paulo já havia indicado que se alguém está em Cristo, se tornou nova criatura (2Co 5.17). (p. 231).

Em um magnífico excursão por N. T. Wright, como parte do livro do Walton, Wright resume:

‘Paulo está trabalhando com o Salmo 8 e com o Salmo 2. Naquele, exatamente como em Gênesis 1, aos humanos é dado glória e domínio sobre o mundo. Aqui está o problema para o qual Romanos é a resposta: não apenas que nós somos pecadores e necessitados de salvação, mas que nossa pecaminosidade significou que o plano de Deus para toda a criação (que ela seria governada por humanos obedientes) foi adiado, colocado em espera. Quando somos salvos, como Paulo declara, isso acontece para que o projeto para a criação inteira seja finalmente colocado de volta nos trilhos.... Gênesis, os evangelhos e Apocalipse, todos insistem que o problema se dá da seguinte maneira: o pecado humano bloqueou os propósitos de Deus para toda a criação; mas Deus não desistiu de seu propósito criacional, o qual era e é trabalhar em sua criação *por meio de seres humanos*, os portadores da sua imagem. (ênfase acrescentada, pp. 239, 242).

Uma das conclusões de destaque que Walton faz no final do seu livro é a significância da sua pesquisa para o engajamento missional no cuidado da criação de Deus:

*E cristãos deveriam se importar com o meio ambiente porque Deus nos estabeleceu como cuidadores do mundo. Como seus vice regentes, a nós foi confiado o governo e o domínio, o que não deixa espaço para a exploração ou o abuso. Temos a responsabilidade de manter o espaço que, em última instância, é sagrado e é seu.”* (ênfase acrescentada, p. 283).

Há muito mais que se poderia dizer da contribuição do Walton (e brevemente dentro da sua Proposição 19, N.T. Wright) mas estes são as principais e mais relevantes para o desenvolvimento das suas ideias de Beale.